



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Instituto de Letras- IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Monografia em Literatura

TALITA HELOISA RODRIGUES PEREIRA

211051667

**Representatividade negra em Machado de Assis: vozes e silêncios  
entre a Geopoesia e a Tanatografia**

Brasília - DF

TALITA HELOISA RODRIGUES PEREIRA

211051667

**Representatividade negra em Machado de Assis: vozes e silêncios  
entre a Geopoesia e a Tanatografia**

Monografia apresentada ao departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito final para a obtenção do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior.

Brasília - DF

2026

## Sumário

Introdução .....	4
Capítulo 1 .....	6
Período de negação .....	6
Ruptura .....	8
Identidade Negra .....	10
Capítulo 2 .....	11
O Estilo Machadiano.....	11
A função do personagem.....	13
Capítulo 3 .....	16
Mapeamento de Memórias Póstumas de Brás Cubas.....	16
Mapeamento de Esaú e Jacó .....	18
Um Homem livre! .....	21
Conclusão .....	23
Referências: .....	24

## Introdução

Durante muito tempo, a identidade negra de Machado de Assis não foi percebida e/ou foi colocada em dúvida por parte da crítica. Neste trabalho, analisaremos de que modo a questão racial é retratada no conto *Pai contra Mãe*, na crônica *Bons dias!* e nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Esaú e Jacó*, a fim de compreender como se dá a construção literária no final do século XIX e início do XX, bem como os silenciamentos e tensões que a atravessam. O ponto central deste estudo parte de uma reflexão apresentada pelo próprio Machado de Assis em *Esaú e Jacó*, quando o narrador afirma que “o leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida” (Assis, p. 123). A partir dessa premissa, assumimos que a obra machadiana oferece pistas e permite ao leitor cuidadoso alcançar sentidos que não se apresentam de forma explícita.

Por meio de revisão bibliográfica e do mapeamento dos/as personagens negros/as presentes nos contos e romances selecionados, buscamos compreender como a formação cultural e social do período escravocrata oitocentista influenciou a construção, e o silenciamento, desses sujeitos. Estudaremos a representação desses personagens nas obras supracitadas, observando como a ausência de voz e de biografia revela as tensões raciais do Brasil oitocentista e que são apresentadas de forma velada e subterrânea nas obras machadianas. Selecionaremos excertos que evidenciam a influência cultural e escravocrata da época, atentando para a aparente ausência de voz e biografia desses personagens – representados de forma sutil e panorâmica pelo Bruxo do Cosme Velho.

A partir dessas passagens, procuraremos destrinchar a história desses seres, que ao terem suas existências silenciadas e minimizadas ao seus status escravizado/serviçal são simbolicamente mortos em vida, uma vez que lhes é negada a possibilidade de uma narrativa própria - daí a opção de Machado de Assis por defuntos autores e autores defuntos – seres da Tanatografia (escrita de morte).

E finalmente, ao comparar o discurso literário às críticas sociais implícitas, buscaremos demonstrar que a situação biográfica desses personagens pode ser lida como um gesto crítico por parte do autor. Ao colocar de lado e como plano de fundo situações absurdas que acabam ganhando o lugar de “cotidianas” ao serem narradas

por personagens aristocráticos, Machado expõe o caráter naturalizado da desigualdade racial na sociedade brasileira do período.

No primeiro capítulo, abordaremos o período em que houve uma negação sistemática da identidade negra machadiana e, como, para os seus primeiros críticos e biógrafos, a questão racial não era considerada relevante, sendo, por isso ignorada ou silenciada. Um processo cujos efeitos se estendem até a contemporaneidade, mas que vem se transformando gradativamente.

Apresentaremos evidências que esclarecem como esse apagamento se consolidou e quais motivações podem tê-lo sustentado. Em seguida discutiremos a ruptura desse movimento de encobrir as características raciais de Machado e o quão importante para a percepção de sua obra é a consciência de que ele foi um homem negro.

No segundo capítulo, estudaremos a forma como Machado de Assis constrói sua escrita, atentando para as principais características de seu estilo literário e para os motivos pelos quais tais características culminam para a interpretação crítica e racializada de determinados trechos e personagens de suas obras, ainda que ocupem posições secundárias na narrativa. Buscaremos demonstrar como a ironia, a ambiguidade e o distanciamento narrativo abrem espaço para leituras que revelam tensões sociais e raciais frequentemente “embaçadas” pela suposta neutralidade do autor.

Nesse sentido, será estabelecida uma relação da forma de composição machadiana e os conceitos de Geopoesia e Tanatografia. Buscamos a partir disso, compreender como o espaço social, histórico e simbólico do Brasil oitocentista e as narrativas de morte, apagamento e silenciamento biográfico atravessam a escrita de Machado de Assis, mesmo quando não abordados de maneira direta.

Estudaremos também a função e a importância da personagem na obra machadiana, uma vez que é por meio dela que o autor articula sua visão crítica da sociedade. As suas ideias e percepções sobre o mundo em que vivia são transmitidas para o público leitor através de seus personagens e narradores, e a partir da análise de todos os seres que são incluídos na história, será possível compreender como o autor constrói sua obra a partir do que é dito, mas também a partir do que é silenciado ou encoberto.

No terceiro e último capítulo, realizaremos o mapeamento analítico dos romances selecionados, com especial atenção à personagens não brancos. Ao

apresentá-los, analisaremos os contextos narrativos e as descrições que acompanham suas aparições, observando como são construídos e como suas existências se articulam com os seus silêncios existenciais. Essa análise será constantemente relacionada às teorias que norteiam este estudo enquanto relacionamos o conto *Pai contra Mãe* com o romance *memórias póstumas de Brás Cubas* e a crônica *Bons dias!* Com o romance *Esaú e Jacó*.

Ao final do trabalho, buscaremos evidenciar a importância de uma interpretação racializada das obras machadianas como um caminho legítimo para compreender as tensões históricas e sociais que atravessam sua escrita. Destacaremos, ainda, a relevância de reconhecer Machado de Assis como o maior escritor brasileiro e, simultaneamente, como um homem negro, ressaltando o impacto simbólico dessa identificação para a representatividade no Brasil.

## **Capítulo 1**

### **Período de negação**

Certamente Joaquim Maria Machado de Assis é um dos maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos, mas, vale lembrar que embora amplamente reconhecido por suas obras, não esteve isento do embranquecimento sistemático de suas características. O autor passou por um processo de apagamento da sua história, onde sua origem negra foi convenientemente ignorada ou disfarçada pelos críticos e biógrafos do começo.

Isso pode ser visto como uma tática de embranquecimento, feita para que Machado se encaixasse num tipo de literatura que, por muito tempo, só aceitava padrões mais europeus, pois, em uma sociedade marcada pelo ideal eugenista, em que se propagava a inferioridade intelectual dos negros, aceitar que um homem negro pudesse ser o maior escritor do país parecia inaceitável para as elites letradas.

As possíveis táticas usadas para disfarçar as características físicas de Machado vão de fotos a biografias, e as fotografias, que eram em preto e branco, acabavam

por disfarçar características reais do autor. Afinal, as escalas de cinza demonstravam, à primeira vista, qual era a real aparência do fotografado:

Essa tentativa de embranquecer o escritor manifestou-se até mesmo na escolha dos retratos de Machado de Assis divulgados para o público em geral: foram selecionados preferencialmente aqueles em que a aparência de mulato comparava atenuada pelo pincenê e pela barba (Da Silva, 2014).

Nesse sentido, desde o nascimento, o autor passou por uma firme tentativa de relativização de suas características, sendo vítima de seus próprios amigos que na tentativa de reafirmar sua genialidade acabou por negar sua real identidade. Joaquim Nabuco disse: "O Machado para mim era branco. [...] quando houvesse sangue estranho, isto em nada alterava a sua perfeita caracterização caucásica" (Nabuco *apud* Massa *apud* Da Silva, 2014)

Contudo, Jean-Michel Massa, fazendo uma análise aprofundada de sua imagem, contrapõe essa ideia:

Alguns o consideram como branco. Examinando os retratos que dele nos ficaram, nota-se que, adulto, tinha, como muitos brasileiros, alguns traços negroides: cabelos ligeiramente crespos, o lábio inferior bastante carnudo, um nariz antes achatado. Estes traços mais ou menos acentuados segundo os vários retratos, são bem encobertos pelo uso da barba. (Massa *apud* Da Silva, 2014)

A prática de embranquecimento da população não contrariava o caminho que o Brasil estava seguindo naquele período, entre o final do século XIX e início do século XX o mundo começou a conhecer o conceito que propagava a ideia de melhoramento racial. De acordo com estudiosos do período, através da tática eugenista seria possível "melhorar" o Brasil.

Ramatis Jacino e Weber Lopes Goes (2022) em seu artigo "Segregação ou miscigenação: os dilemas da eugenia no Brasil nas primeiras décadas do Século XX" apresenta a ideia:

A palavra eugenia, cunhada por Francis Galton, é oriunda do termo inglês *eugenics*, que deriva da expressão grega, *eugenes*, que significa "bem-nascido". Etimologicamente, o eugenismo (ou eugenia) é a ciência dos bons nascimentos; fundamentada na matemática e na biologia, tinha como objetivo central identificar os "melhores" membros das comunidades para

estimular sua reprodução e, ao mesmo tempo, diagnosticar os “degenerados” e evitar sua multiplicação (Goes; Jacino, 2022, p. 134)

Por mais que exista um início oficial dos estudos eugênicos no Brasil — começaram em 1917, por meio de campanhas de divulgação feitas pelo jovem médico e farmacêutico Renato Kehl, que resultaram na criação, no ano seguinte, da Sociedade Eugênica de São Paulo, a primeira sociedade de eugenia da América Latina (Souza, 2005) —, antes desse período já haviam ações de natureza eugênica sendo adotadas pelos governantes.

[...] antes da chegada da eugenia, já haviam práticas de natureza eugênicas principalmente quando se começam as primeiras iniciativas que vislumbravam substituir a mão-de-obra de trabalho escravizado para o trabalho assalariado, logo, as políticas de imigração passaram a ser não somente um caminho para consolidar o modelo baseado na compra do trabalho e não do indivíduo, mas também, perspectiva branquear o país através de tais iniciativas (Goes; Jacino, 2022, p.133).

Sendo a composição do povo brasileiro uma das principais questões do período, a necessidade de se encaixar nos padrões do que seria o povo ideal muito provavelmente influenciou na forma como os biógrafos daquele tempo retrataram um dos maiores autores brasileiros que coincidentemente era negro, pois, em um contexto em que o mundo precisava ser branco para ser “bom”, não era estranho que o talento de Machado fosse atribuído a um outro Machado, com o mesmo talento, só que branco.

## **Ruptura**

Olhando para os estudos biográficos, a cor de Machado não era abordada diretamente em suas primeiras descrições. Alfredo Pujol (*Apud* Campos, 2020), por exemplo, em suas conferências entre 1915 e 1917, faz menções oblíquas à cor do escritor, referindo-se aos pais de Machado como “um casal de gente de cor”. Posteriormente, ao descrever o jovem Machado, Pujol menciona “as agruras criadas pela inferioridade de seu nascimento, pelos preconceitos de cor, pela sua grande

pobreza". Nessas passagens, a referência à cor estava associada à origem humilde, ao contrário da cor em si, que nunca foi mencionada diretamente. Esses trechos sugerem “que Alfredo Pujol evita mencionar a cor de Machado de Assis” (Campos, 2020) e acaba por corroborar com o embranquecimento que o autor foi vítima.

Ao contrário dos biógrafos anteriores, Lucia Miguel Pereira (1936) fala diretamente sobre a cor de Machado, além de uma descrição física em que destaca suas características raciais, ela também se refere a ele como “mulatinho”, “mestiço” e “pardinho”, termos que embora pareçam pejorativos para a realidade atual, foram de suma importância para reafirmar a real identidade machadiana.

A autora, em seu livro *Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico, 1936)*, o descreveu como "um homem inteligente, de boa cultura e boa educação, frio, indiferente, de um convencionalismo absoluto, escrevendo quasi por desfastio, e apenas com o raciocínio". Essa caracterização, para Miguel Pereira (1936), catalogava Machado e o preparava para "receber as reverencias da posteridade". Raquel Campos (2020) evidencia que “seu Machado de Assis é um alguém marcado por um triplo mal de origem – a pobreza, a cor, a epilepsia –, sobre os quais saiu vitorioso. A autora [...] repisa a menção à cor, ao invés de evitá-la” (Campos, 2020, p. 22).

A biógrafa relata, em seu estudo crítico, que foi desmotivada a continuar seu trabalho, pois, segundo aqueles ao seu redor, apenas a obra de Machado interessava, sua vida não seria nem minimamente interessante, “em Machado, só o escritor tinha interesse, o homem era de uma sensaboria completa” (Pereira, 1936, p. 13). Ela, que claramente discorda de tal posicionamento, preferiu falar sobre ambas as coisas, afinal mostra ser “impossível estudar a obra de Machado sem estudar-lhe a vida, sem procurar entender-lhe o caráter. Nele, o homem e o artista estão estreitamente ligados” (Pereira, 1936, p. 13).

Essa pretensão de separar radicalmente a obra da vida do autor contribui para o apagamento de aspectos fundamentais da existência machadiana. Ao afirmar que apenas a obra importa em detrimento do homem, a crítica não apenas silencia a trajetória individual de Machado de Assis, mas também neutraliza as experiências sociais, históricas e raciais que constituem sua escrita. Tal postura reforça a ideia de uma genialidade intocada e descolada do mundo, o que impede a leitura de sua obra como produto de sua vivência situada em um Brasil marcado pela escravidão, pelo racismo estrutural e pelas hierarquias sociais.

Nesse sentido, a recusa em considerar a importância biográfica completa do autor pode ser compreendida como uma forma de silenciamento, assim como seus personagens, Machado, enquanto homem negro, teve sua experiência minimizada e deslegitimada pela crítica e a defesa de Lúcia Miguel Pereira (1936), portanto, não se limita a um posicionamento para o bem de seu estudo biográfico, mas aponta para a leitura integrada, em que vida e obra se iluminam mutuamente.

## **Identidade Negra**

A omissão da sua identidade racial é um ponto crucial para o estudo de sua obra, pois, como afirma Samara Lima (2020), “não é possível deixar de perceber que Machado de Assis não só não é apontado enquanto escritor negro, como também, seu pertencimento étnico foi, pouco a pouco, posto em dúvida por um discurso recorrente da crítica literária brasileira” que insistia em dizer que além de “não negro” Machado era também omissor às crueldades da escravidão.

Colocar Machado no lugar de um escritor que se absteve de falar das mazelas de sua época é limitar sua escrita ao óbvio e presumir que as nuances que ele utilizou em diversas outras áreas de sua obra não foram usadas também para que ele se posicionasse contra a escravização de pessoas, ou, como no caso de Esaú e Jacó, para que ele se posicionasse sobre a abolição ou sobre a realidade política do momento. A sua sagacidade adveio justamente de utilizar o gênero do discurso “diário”, estilizado como romance e retomando a mesma estratégia de Memórias Póstumas: o conselheiro Aires “volta” como autor, como defunto autor (Silva Junior, 2014).

Raquel Campos, em um artigo de 2008 (“Tolo ou todo poderoso? Leituras em torno de Machado de Assis e a escravidão”) diz que Machado de Assis, por muito tempo, foi acusado de absentismo político por seus críticos iniciais, essa teoria que: “parece hoje impossível permaneceu por longo tempo a visão mais difundida do autor das Memórias Póstumas de Brás Cubas. E parecia encontrar sua justificativa principalmente na sua (falta de) posicionamento em face da escravidão” (Campos, 2008, p. 113), contudo, ela reitera que a partir de 1950 diversos autores se empenharam na “demonstração de que ele tratou de todas as principais questões de sua época” (Campos, 2008, p. 114).

## Capítulo 2

### O Estilo Machadiano

A literatura machadiana é marcada pela sutileza. Seus textos não se apoiam em panfletos ou alegorias evidentes, contudo, uma leitura aprofundada de seus escritos revela que Machado utilizou seu conhecimento da sociedade, e muito provavelmente suas vivências, para compor o "plano de fundo" da sua literatura. Conforme Augusto Silva Junior, Machado usa da trajetória vital de seus personagens e, através delas, desvenda questões políticas e econômicas sem recorrer a emblemas, sem a pretensão de fundar uma imagem perfeita da realidade:

As peculiaridades de uma trajetória vital (nascimento, infância, cotidiano, velhice e falecimento) desvendam questões políticas e econômicas sem recorrer ao emblema. Seu panorama é mais amplo porque documenta a realidade por uma plataforma de observação em que o irreal fixa elementos do Brasil do século XIX e da cultura brasileira sem a pretensão de fundar uma imagem perfeita da realidade (da Silva Junior, 2008 p. 22).

Nesse sentido, percebe-se que Machado não buscava fazer de suas obras um espelho, queria além de tudo, criar história e se aventurar em todas as realidades nascidas dele. Ainda assim, havia em seus textos relatos que eram mais pessoais do que ele fazia parecer, afinal, mesmo que com outros nomes, localidades, características, ele ainda escrevia sobre o que via e vivia no Brasil oitocentista. Não por meio de exposições óbvias, mas, sua obra tinha muito de autobiográfica e hoje nos serve, além de um tesouro literário, como uma janela histórica, afinal, através dela podemos aprender e vivenciar um pouco da realidade brasileira da época que foi narrada pela parcela mais favorecida da sociedade.

Lucia Miguel Pereira (1936) reforça esse pensamento em sua biografia, para ela Machado de Assis usava de sua literatura para desabafar à sociedade o que não lhe era permitido na vida real. Miguel Pereira diz que:

A sua obra foi uma evasão, permitindo a esse tímido dizer o que não ousava fazer, mas foi também um transbordamento do eu, traindo quase sempre os pontos de mira desse ambicioso, os ideais que queria alcançar - e alcançou - na existência real. Sob esse aspecto, há nos seus livros muito de autobiográfico. Não terá contado propriamente as circunstâncias da sua existência, mas exprimiu os sentimentos que elas lhe provocavam. Podemos dizer que a obra lhe foi precisamente o avesso da vida, não esquecendo de que o avesso não é o lado oposto, mas o lado de dentro, inseparável do de fora, condicionado por ele (Pereira, 1936).

Para o percurso analítico deste estudo, adotam-se os conceitos de Tanatografia e Geopoesia como chaves interpretativas centrais. Segundo Augusto Rodrigues da Silva Junior, a Tanatografia pode ser compreendida como uma escrita da morte, que se manifesta não apenas na presença de narradores defuntos ou fantasmas, mas também na decomposição biográfica e na construção de personagens marcados pela ausência, pelo silenciamento e pela fragmentação existencial (Silva Junior, 2014). Na obra machadiana, tal procedimento permite a observação crítica da sociedade brasileira a partir de uma instância narrativa deslocada, capaz de revelar suas contradições sem recorrer ao discurso panfletário, o autor a define como:

[...] uma escrita de morte. O conceito advém do grego, *Thanatos* - que significa: morte; e *graphein* - que significa: escrita. Há narrativas da morte literária em que defuntos e fantasmas aparecem se comunicando, escrevendo, em condição autoral. Existe toda uma tipologia: mortos conversando entres eles; retornantes querendo conversar com os vivos; defuntos escrevendo para personagens vivos e leitores; vivos evocando defuntos para o diálogo e/ou para outras formas de relação humana (Silva Junior, 2014, p. 3).

A Geopoesia é uma teoria que entrelaça o território com a identidade cultural, histórica e social de um povo ou local. Katrícia Aguiar diz que o conceito de Geopoesia “foi concebido para abarcar não só os autores de obras escritas e publicadas, mas também a oralidade e a vocalidade, considerando e valorizando as manifestações populares e a ‘literatura de pobre’ ou portadora de temas considerados sem importância” (Aguiar, 2021, p. 60).

Os espaços em que se desenrolam as literaturas são mais do que simples territórios físicos. Silva Junior e Medeiros entendem “que o espaço, em sua condição

territorial, conta histórias, carrega marcas de diásporas, migrações, explorações, colonialismos, violências, lutas e resistências” (Medeiros; Silva Junior, 2023, p. 73). Nessa perspectiva, o espaço deixa de atuar como simples pano de fundo neutro da narrativa e passa atuar como elemento ativo na construção de elementos literários e históricos.

A Geopoesia como proposta interpretativa evidencia a complexidade dos processos sociais e políticos que construíram o panorama literário brasileiro ao priorizar “o debate sobre a persistência incômoda, neste nosso milênio, das contradições sociais, políticas, econômicas e étnico-raciais que marcaram a eleição de espaços “centrais” em detrimento de outros, tidos por marginais ou periféricos” (Medeiros; Silva Junior, 2023, p. 78). Tal abordagem permite compreender como determinadas vozes, experiências e territórios são sistematicamente legitimados enquanto outros são relegados às margens da representação literária.

Aplicada à obra de Machado de Assis, essa perspectiva permite compreender o Brasil oitocentista como um território atravessado por tensões raciais, sociais e históricas, nas quais os personagens negros, embora frequentemente relegados ao plano de fundo, desempenham papel fundamental. A ausência de biografia, voz e interioridade desses personagens configura uma forma de morte simbólica, que se inscreve tanto no campo da Tanatografia quanto na lógica do silenciamento confrontado pela Geopoesia. Assim, a escrita machadiana revela, por meio de seus vazios e apagamentos, uma crítica profunda às estruturas que produziram e naturalizaram a exclusão racial no espaço social brasileiro.

### **A função da personagem**

A literatura, enquanto expressão artística, lança mão de diferentes recursos para cativar e impactar o público. A narrativa literária pode atuar como um espelho da sociedade, refletindo realidades e tensões a partir da visão de determinado autor, que possui a liberdade de manipular situações cotidianas e transfigurá-las em arte.

Nesse processo, os personagens ocupam posição central. São eles que contam a história, permitem ao leitor estabelecer vínculos de identificação e fazem com que as experiências mais ordinárias do dia a dia adquiram um sentido narrativo.

O enredo, em grande medida, gira em torno de suas aventuras, dificuldades e peripécias, que constituem a espinha dorsal da obra:

O bom do personagem é que ele é humano, tem corpo. O importante é que o personagem não é um ser aéreo mas terreno, tem corpo semelhante ao nosso corpo, corpo que conhecemos tão intimamente: por isso podemos senti-lo e entendê-lo.

A grande virtude do personagem é ter um corpo, repetimos. É ter um nome (“a essência é o nome”, diz Drummond) (BRAIT, 2006).

As figuras literárias podem assumir funções diversas: defender uma causa, denunciar injustiças, dar visibilidade a parcelas silenciadas da população ou, ao contrário, reforçar preconceitos e estruturas de poder. Sendo a literatura também um espaço de crítica, é natural que muitos autores se valham da ficção para expor seu ponto de vista. Machado de Assis, nesse sentido, não agiu de forma diferente: utilizou seus personagens como instrumentos de reflexão sobre o Brasil oitocentista, sem recorrer a declarações explícitas, mas construindo uma crítica irônica e sutil.

Esse entendimento é corroborado por Augusto Rodrigues da Silva Junior (2008, p. 64), ao analisar *Memórias póstumas de Brás Cubas*, para ele a criação de um personagem “observador que representasse algo oculto e mais geral sob uma aparência alienada e cínica” permitiu a Machado desvelar “nuanças culturais peculiares do Brasil e do sistema econômico ocidental. Pôde criticá-las sem que seus contemporâneos percebessem”. O defunto-autor, portanto, atua como mediador entre o texto e a sociedade, revelando muito mais do que aparenta.

Machado de Assis estimava personagens com uma moral própria, não bastava para ele escrever uma marionete que obedecesse às vontades do escritor, era preciso que os personagens tivessem paixões, raivas, desvios de caráter e motivos que norteassem suas ações. Em seu estudo crítico *Eça de Queirós: O primo Basílio*, publicado n’*O cruzeiro em 1878*, Assis faz um comparativo entre duas personagens, Eugênia, de Balzac, que possuiria consciência “própria” e Luísa, de Eça de Queiros, que não passaria de um “títere”, nas palavras dele:

Na Eugênia, há uma personalidade acentuada, uma figura moral, que por isso mesmo nos interessa e prende; a Luísa — força é dizê-lo — a Luísa é

um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral.

Repito, é um títere; não quero dizer que não tenha nervos e músculos; não tem mesmo outra coisa; não lhe peçam paixões nem remorsos; menos ainda consciência (Assis, 1910).

Essa concepção esteve muito presente na construção de seus personagens, uma vez que eram diversos e movidos por suas próprias crenças, afinal “os personagens, além de quererem ser parte de livro, querem ser únicos” (Silva Junior, 2008, p. 44). Tal compreensão, no entanto, não atribui aos homens literários o poder da verdade absoluta ou da razão incontestável, muito pelo contrário, Machado trabalhava seus romances em torno de um narrador não confiável, que defenderia seus próprios interesses em detrimento dos outros.

Essa não confiabilidade se manifesta em diversos âmbitos, afinal “quando os personagens se ensimesmam esquecidos do autor, vivem e possibilitam vivenciar uma experiência única no instante da leitura”, (Silva Júnior, 2008, p.51); neste estudo, porém, destacam-se as omissões estratégicas dos narradores e a forma como selecionam os acontecimentos em benefício próprio, o que, conseqüentemente, leva ao silenciamento dos personagens condenados à não vida literária. Nessa perspectiva autocentrada, o narrador machadiano expõe mais a sua verdade pessoal e seus interesses, do que a verdade dos fatos. Afinal, “pela expectativa da recepção e pela vontade dos personagens de contar suas histórias, o romance [...] deixa que os discursos ganhem autonomia nas palavras de ideólogos, tipos ou coadjuvantes” (Silva Junior, 2008, p. 47)

Ao final da disputa entre o que é dito e o que é ocultado, exige-se do leitor uma postura crítica e atenta, capaz de compreender, a partir das meias verdades narradas, a história que se constrói nas entrelinhas. Tal exigência torna-se ainda mais evidente quando se observa que a moral concedida aos narradores e aos personagens não racializados não se estende aos personagens negros e escravizados, esses infelizmente, eram reduzidos ao status da não vida literária. Nesse sentido, o direito à voz em obras da época se revela elitizado e segregado, assim como o direito à voz da realidade oitocentista.

Assim, percebe-se que a personagem não apenas atua como ferramenta para a condução do enredo, a construção da personagem machadiana é, além de tudo,

um instrumento de revelação das assimetrias sociais, pois, em se tratando de um autor conhecido por valorizar grandemente a moral e os traços biográficos de seus personagens, a inexistência desses traços em personagens secundários escravizados não pode ser vista como simples coincidência. Dessa forma, Machado de Assis transforma seus personagens em dispositivos críticos, capazes de expor, por meio da ironia e da omissão proposital, as contradições, as injustiças e os desnivelamentos sociais do Brasil oitocentista.

## Capítulo 3

### Mapeamento de Memórias Póstumas de Brás Cubas

Por mais que o foco narrativo pudesse ser outro e os personagens negros não fossem o ponto principal, Machado de Assis construía-os de forma a inseri-lo na cena, mas que no inconsciente dos leitores – como o caso do escravo Prudêncio. A presença — ou ausência — desses personagens carregava significados densos. Eles aparecem, sem fala, sem história as vezes até sem nome. Mas não sem dor, afinal, ele escrevia para aqueles que sentiriam a dor da escravizada que teve sua cabeça quebrada, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e que foi tratada como "nada" pelo defunto autor.

Escrevia também para os que se compadeceriam da "mãe-Arminda" em *Pai contra Mãe*, que perdeu seu filho para que um homem branco pudesse ter o seu. Machado oferecia essas pequenas migalhas para aqueles que quisessem perceber esses trechos, e não para os que interpretariam apenas com a visão aristocrática da época.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, os personagens negros aparecem apenas de longe, por vezes sem sequer um nome, reforçando sua condição de objeto na narrativa. Essa desumanização não se manifesta somente na privação da voz ou da biografia dos personagens negros, mas também na naturalização da violência e da crueldade a eles direcionadas por parte dos personagens brancos e privilegiados. O próprio Brás Cubas, com sua voz privilegiada, oferece um exemplo contundente dessa realidade ao narrar um episódio de sua infância que revela a frieza e a impunidade de seus atos de barbárie contra os escravizados:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos (ASSIS, 2009, p. 30).

O contraste entre a parte da obra que tem voz (Brás Cubas) e a sua parte silenciosa (a escravizada) é imenso. Brás Cubas teve a liberdade de falar e escrever sobre sua vida mesmo após a morte, enquanto a mulher negra não teve sequer um nome associado à sua imagem, permanecendo anônima, sem biografia. A experiência da ausência de si mesmo no mundo, como aponta Augusto Rodrigues da Silva Junior (2008) ao falar sobre Brás Cubas, é a realização de um fato inusitado: a imagem de um ser que sabe que morre e continua discursando. Brás Cubas disse e fez o que quis durante sua vida, um privilégio concedido apenas por nascer como um aristocrata branco, herdeiro, letrado. E continuou a fazê-lo depois de morto, contando histórias de sua vivência privilegiada em ‘decomposição biográfica (Silva Junior, 2008)].

Embora a ideia de narrar uma história pós-morte seja instigante, a narrativa em si de Brás Cubas, ao reiterar seus privilégios sociais, sublinha a ironia de uma vida que, apesar de desprovida de grandes feitos, é legitimada pela sua posição na sociedade. Essa capacidade de narrar sua própria história, mesmo após a morte, contrasta drasticamente com a ausência de voz e biografia dos personagens negros.

Apesar de a narrativa se resumir aos caprichos e aventuras de Brás, existem momentos e referências que só podem ser associados a parte crítica machadiana, um belo exemplo disso é toda a reflexão que ele faz sobre a borboleta por mais que possa parecer inocente e despretensiosa é bem marcante e proposital o que ele diz ali. Tal reflexão que pelo decorrer da trama é associada apenas a Eugênia, o que faz sentido se observamos todo o contexto, é possível admitir que ser coxa é apenas uma metáfora. Entretanto, pode-se extrair da reflexão da borboleta preta algo muito mais profundo, é possível entender todo o sofrimento e preconceito que aquela borboleta — que pode ser entendida como o povo negro — passa por conta de sua cor seria evitado facilmente se fosse de outra. Por mais obvio que pareça, quando trocamos os

nomes dados para os personagens dessa reflexão entendemos o quanto Machado estaria decepcionado e talvez “conformado” com a realidade da época, pois entendia que por mais que falassem e tentassem justificar as ações praticadas contra aquele povo, ainda era melhor para eles terem nascidos de outra cor:

[...] Porque, é justo dizê-lo, se ela fosse azul, ou cor de laranja, não teria mais segura a vida; não era impossível que eu a atravessasse com um alfinete, para recreio dos olhos. Não era. Esta última ideia restituiu-me a consolação; uni o dedo grande ao polegar, despedi um piparote e o cadáver caiu no jardim. Era tempo; aí vinham já as próvidas formigas... Não, volto à primeira ideia; creio que para ela era melhor ter nascido azul (Assis, 2009, p. 64).

A cena da borboleta, embora frequentemente vista como uma reflexão pontual e associada apenas à Eugênia, pode ser lida como um dos momentos mais diretos da crítica machadiana. O narrador debate se a violência está necessariamente vinculada a cor da borboleta, afinal, mesmo que fosse de outra cor, ela ainda poderia ser morta, porém, ao afirmar que “para ela era melhor ter nascido azul” ele expõe a crueldade da situação e evidencia a sua consciência de que a cor preta intensifica a vulnerabilidade e legitima a violência sofrida. A borboleta preta, nesse sentido, torna-se metáfora para os corpos constantemente marcados pela violência racial. Assim, Machado constrói uma narrativa amarga sobre o racismo estrutural de seu tempo: não se trata apenas de violência em si, mas da naturalização dela quando direcionada a certos corpos.

Ao longo de Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis constrói uma narrativa em que a voz plena é privilégio de poucos, enquanto a maioria — sobretudo os personagens negros — permanece em silêncio, à margem da história e da memória. Esse apagamento não é casual, mas estrutural, revelando como a literatura pode, simultaneamente, reproduzir, tensionar e denunciar as hierarquias sociais de seu tempo. Nesse sentido, a tanatografia que sustenta a obra não se limita ao gesto formal de narrar após a morte, mas opera como um dispositivo de exposição dos privilégios que tornam essa narrativa possível. Como aponta Augusto Rodrigues da Silva Junior (2008), a escrita pós-morte de Brás Cubas realiza a experiência paradoxal de um sujeito que, mesmo morto, continua existindo como voz, imagem e narrativa de si. Esse excesso de presença contrasta violentamente com a condição dos personagens negros, cuja existência é marcada pela ausência: não narram, não deixam vestígios, não possuem biografia. A decomposição biográfica que estrutura a

voz de Brás Cubas não implica apagamento, mas permanência — privilégio garantido por sua posição aristocrática, branca e letrada. Aos sujeitos negros, por outro lado, resta uma morte sem narrativa, uma vida sem inscrição simbólica, o que evidencia que, em Machado, a tanatografia escancara uma hierarquia racial da memória: enquanto alguns podem narrar até depois de mortos, outros são silenciados ainda em vida.

### **Mapeamento de Esaú e Jacó**

Em *Esaú e Jacó*, Machado de Assis mantém o padrão recorrente de representação de personagens negros com pouco desenvolvimento individual. Ainda que continuem presentes no plano de fundo da narrativa, sua existência é marcada pela função servil. O livro se inicia com as irmãs Natividade e Perpétua subindo o morro do castelo para visitar a cabocla e saber do futuro dos gêmeos Paulo e Pedro, ao decorrer do livro, essa visita é lembrada várias e várias vezes, mas os personagens preferem omitir a parte em que as mulheres foram até o morro para não serem “rebaixadas”.

A primeira aparição de personagens não brancos ocorre com Bárbara, a cabocla do Norte, e seu pai, já no primeiro capítulo, intitulado “coisas futuras”. Ambos ocupam o lugar de videntes, sendo a cabocla aquela que em tese, “dita” o futuro dos gêmeos.

O capítulo se inicia com Natividade e sua irmã subindo o Morro do Castelo, o que já não condiz com o status social das duas nem com sua aparência. Desde o início, as pessoas ao redor pareciam saber o que iriam fazer ali, mesmo que tentassem disfarçar. Afinal “tinham fé, mas tinham também vexame da opinião”; era impossível não perceber. Um comentário explicita a disparidade entre as duas e os frequentadores do morro do castelo ao evidenciar que, naquele ambiente, só poderiam estar ali por um motivo: “Você quer ver que elas vão à cabocla” “perguntou uma crioula a um sargento” (Assis, 2003, p. 11).

Enquanto procuravam a casa da Cabocla esbarraram com dois clientes: um visivelmente irritado com a vidente e outro bastante satisfeito. Esses estados de

espírito levam as duas a questionarem o que estavam fazendo ali, mas, logo depois, decidem insistir na visita.

Ao entrarem na casa, são recebidas pelo pai da cabocla, “o velho caboclo” que as conduz até a sala da casa, onde ocorre uma quebra de expectativa. Não há nada de místico à espera delas, “[...] as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor” (Assis, 2003, p. 12). A sala era simples e o elemento mais incomum era uma viola apoiada em uma cadeira. Enquanto aguardam a vidente, o velho caboclo sai ao seu encontro e, ao trazê-la, introduz o místico em cena: “o mistério estava nos olhos” (Assis, 2003, p. 13), atribuindo à pequena Bárbara um lugar de poder.

Durante a consulta, a cabocla é um tanto quanto vaga ao falar sobre os gêmeos. Menciona ainda briga no ventre, e ao tratar do futuro, limita-se a dizer “cousas futuras”, expressão que pode significar tudo ou nada, a depender quem escuta. Ao fundo, o pai toca uma canção que também narra uma história:

Menina da saia branca,  
Saltadeira de riacho,  
Trepame neste coqueiro,  
Bota-me os cocos abaixo.  
Quebra coco, sinhá,  
Lá no cocá,  
Se te dá na cabeça,  
Há de rachá;  
Muito hei de me ri,  
Muito hei de gostá,  
Lelê, coco, naiá

Na cantiga uma “menina saltadeira de riacho” ri diante de sua sinhá, em movimento semelhante ao que acontecia na sala da cabocla naquele momento. Bárbara anuncia “cousas futuras” grandes e brilhantes, mas não as nomeia, é justamente aí que reside o risco de seu ofício. Como aponta Santos (2024, p. 45) “a Rainha do Morro do Castelo usa da dança para esconder seu jogo; malandra, faz da toada sua resistência combatendo diretamente o discurso com mandinga e movimento”.

Após a conclusão, a mãe e a tia saem felizes e realizadas com a premonição da cabocla, que seguirá assombrando a narrativa até o seu desfecho.

A próxima aparição de personagens racializados acontece de forma mais clara, ocorre na infância dos gêmeos, quando o narrador menciona as amas.

Ao longo do capítulo, o autor descreve o crescimento e as particularidades dos irmãos. Em um certo ponto chega a chamar as amas de “negaças” o que expõe que as mulheres que cuidaram dos filhos de natividade eram negras. Ao final, quando relata o desmame das crianças, diz:

A operação de desmamar podia fazer-se em meia linha, mas as lástimas das amas, as despedidas, as bichas de ouro que a mãe deu a cada uma delas, como um presente final, tudo isso exigiu uma boa página ou mais. Poucas linhas bastariam para as amas-secas, porquanto não diria se eram altas nem baixas, feias ou bonitas. Eram mansas, zelosas do ofício, amigas dos pequenos, e logo uma da outra (Assis, 2003, p. 46).

Nesse trecho, ele classifica a importância de cada descrição, o processo de despedida das amas aos seus filhos brancos que criaram em detrimento dos seus próprios, seria o mais longo, em contrapartida, a descrição que daria alguma agência a elas, não seria muito longa, não descreveria muita coisa, apenas que trabalhavam e que se dedicavam unicamente aos meninos. Tal contraste deixa claro quem importa, pois a única parte dessa relação que ganharia uma grande descrição seria a parcela branca.

Continuadamente o autor também descreve a relação deles, quando mais velhos, com um “moleque” da fazenda. Machado continua com seu padrão de não dar descrições para os personagens escravizados, relata apenas o abuso sofrido pelo garoto que estava submetido às vontades e maldades das crianças.

“era um moleque que ia buscar acima, fosse a cascudo de um ou com promessa de outro. A promessa não se cumpria nunca; o cascudo, por ser antecipado, cumpria-se sempre...” (Assis, 2003, p. 47)

O relato não acontece de forma profunda, na verdade o autor retrata como se fosse normal e até aceitável o ocorrido.

O contraste nesse trecho é imenso, os meninos foram impedidos de subir às árvores por conta do perigo, mas em contrapartida o moleque era obrigado de uma forma ou de outra a subir e satisfazer as vontades de seus senhores.

Um pouco mais adiante Natividade e Santos ganham o título de Barões, ao disseminarem a notícia é relatado que “os escravos pareciam receber uma parcela de liberdade” ao receberem a notícia e comemoravam, pois, era motivo de festa e alegria ser “escrava de Nhã Baronesa”.

Esta seria uma artimanha do autor, tanto para comentar da realidade futura (o livro foi lançado em 1904) onde a escravização de pessoas não era mais uma realidade quanto para ironizar a opinião de que a possível liberdade de um povo poderia ser comparada com a adição de um título por seus senhores, algo que não mudaria real realidade dos escravizados, eles continuariam em suas funções servis.

Percebe-se que “as pessoas escravizadas na ficção machadiana possuem, via de regra, uma atitude semelhante à de Pancrácio, suportando os maus tratos com alegria, com prazer, não somente rindo do infortuno presente e do desatino futuro, mas abraçando-o como uma sincera vocação” (Oliveira, 2023, p. 56). Nas obras estudadas elas simplesmente aceitam o destino ao qual foram condenadas.

Uma metáfora que explica essa postura dos cativos é feita pelo próprio autor, ao descrever uma cena presenciada pelo conselheiro:

No capítulo 41 Aires nos conta a história de um burro que subjugado por violência ainda decide se impor, pois, a verdadeira escolha era dele. O dono por meio de golpes violentos tentava se sobrepor à vontade dele, mas o burro detentor de uma sabedoria que muitos não creiam existir, refletia se deveria seguir sua própria vontade ou a do senhor, por fim, segue caminho, devido aos anos de violência e anulação ele parece se conformar com seu estado, mas reconhece que é o patrão quem lhe tira a liberdade e o mantém subjugado em troca de comida, mas mesmo que a liberdade de se mover livremente não exista, ele ainda possui a liberdade de pensamento (Assis, 2003, p. 90). Conforme a história vai se desenvolvendo a rivalidade política dos irmãos fica mais clara, em determinado momento cada gêmeo compra um retrato, Pedro de Luís XVI, Paulo de Robespierre. Na estadia dos garotos na loja eles contestam o vendedor sobre história, o vendedor diz que só sabe a história dos mouros (povos muçulmanos do Norte da África e da Península Ibérica) que aprendeu em casa, mostra a eles o retrato de madame Stael e diz que era moura, os garotos se sentem atraídos pela foto, o que é interessante pois isso reflete a realidade futura, onde eles também se apaixonarão pela mesma mulher. Além disso, o fato de a mulher ser negra e muçulmana também adiciona grandemente a trajetória de machado com o povo negro, naquele momento os elevou a algo a mais que simplesmente o povo escravizado, os deu uma história e uma origem, mesmo que não dissesse respeito a todos os povos sequestrados e trazidos para o Brasil.

Acontece então a abolição da escravidão, ambos os gêmeos concordam com a atitude, Paulo chega a escrever uma reflexão pública que foi parar nos jornais.

A atitude dos garotos é interessante, a forma como tratavam essas pessoas na infância não reflete a opinião que defenderam futuramente. A partir desse momento, os personagens negros aparecem menos ainda, somem do livro, passam a ser apenas “os criados” que podem ser tanto brancos quanto pretos.

### **Um Homem livre!**

No capítulo 38 Aires narra um momento em que a população defende um homem que está sendo contido pela guarda, eles protestam, mas não adianta nada, o homem é levado. Em sua luta pela liberdade ele chega a gritar: “não furtei nada [...] sou um cidadão livre” (Assis, 2003, p. 87)

Esse detalhe que a princípio pode passar despercebido se mostra uma ótima sacada de Machado, ao escolher o capítulo seguinte ao da abolição para narrar um personagem negro sendo preso novamente, mostrando que a liberdade ainda não era real, e que demoraria muito para que se concretizasse. Além disso, o povo que clamava pela liberdade do homem, mas que se conformou quando foi preso, representava toda a sociedade brasileira que nesse momento em que a abolição foi declarada, concordou com tudo, mas que quando via o povo preto submisso à suas garras, poucos dias atrás, e a forma como sofreram após serem largados à mingua, não fizeram nada.

Voltando para a realidade original, Machado fez questão de demonstrar, em qualquer oportunidade possível, que a abolição não simplesmente resolveria ou apagaria tudo o que o povo preto viveu.

Durante os anos seguintes, Machado teria um prazer perverso em lembrar incidentes capazes de mostrar que, com a lei ou sem ela, a escravidão não estava extinta (...) os efeitos da escravidão eram demasiado profundos para serem “abolidos” por uma lei e, se a euforia pública alimentasse essa ilusão, seria prejudicial (Gledson, 2006, p. 165 *apud* Oliveira, 2023, p. 62).

Para Machado, as medidas tomadas na época não eram suficientes para resolver as agruras pelas quais todas as pessoas negras brasileiras passaram após serem jogadas naquela nova realidade sem nenhuma medida de integração social. Para ele “era preciso ir além, era preciso uma mudança em níveis não alcançados na época (anacronicamente, nem mesmo hoje), era preciso dar um passo que ninguém

no momento se propõe a fazê-lo. O romancista nota que não se vale a pena comemorar uma aparência ou a falsa ideia de algo que não pode tornar-se verdade, que, pelo contrário, é um insulto à verdade” (Oliveira, 2023, p. 64)

Durante toda a obra percebe-se que Machado deixa claro sua opinião sobre certas mudanças ocorridas, através de Aires ele expõe que a república nova não seria assim tão diferente da monarquia, para ele “nada se mudaria; o regímen, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele” (Assis, 2003, p. 141). A abolição também não seria um agente transformador, um exemplo disso é o caso acima, o homem negro livre continuou a ser menosprezado e desvalorizado como ser humano, não tinha o direito de defesa muito menos o benefício da dúvida, situação enfrentada até os dias atuais pelos garotos negros e de periferia que perecem nas mãos da polícia truculenta.

Outro ponto que reforça essa opinião de Machado é a sua crônica *Bons dias!* (19/05/1888) na qual o narrador dizia já prever a abolição, teria até alforriado um “molecote”, chamado Pancrácio, que tinha e decidido pagar-lhe um salário, que não o sustentaria, mas um salário e com promessa de aumentar, o ponto é que a rotina do Pancrácio não mudou muito, continuou submetido às mesmas maldades de antes, só que agora, com título de livre, o próprio narrador nos mostra ao dizer:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do Diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre (Assis, 1888).

Por fim, percebe-se que o pobre Pancrácio, ao não conhecer outra realidade, permanece na que lhe faz mal, realidade vivida por muitas outras pessoas que foram libertas sem qualquer apoio, apenas jogadas léu e acabaram voltando ou permanecendo nas fazendas de seus senhores para conseguirem o mínimo para sobreviver.

As evidências deixadas por Machado de Assis ao longo da obra reforçam um pensamento profundamente moderno, formulado a partir da observação direta da história em curso. Para o autor, a abolição, tal como foi conduzida, não tinha força

suficiente para reparar ou sequer minimizar os efeitos estruturais da escravidão, que permaneceram operando nas relações sociais e institucionais. A abolição concedida sem nenhuma política de apoio ao povo não passava de uma promessa não cumprida que manteve os ex-escravizados presos nas amarras invisíveis da escravidão.

Nesse sentido, a exposição dessas verdades por um autor tantas vezes acusado de omissão racial, e que na verdade se posicionou de uma maneira crítica e contundente em suas obras, inclusive contra as falsas promessas de progresso propagadas pelo estado, antecipando debates que seguem urgentes na sociedade brasileira contemporânea, se mostra extremamente simbólica.

## **Conclusão**

Reconhecer a negritude de Machado de Assis não constitui apenas um gesto de reparação histórica, mas também uma chave interpretativa fundamental para a leitura de sua obra. Ao longo deste trabalho buscou-se evidenciar como a escrita machadiana, marcada pela sutileza e pela ironia, elaborou uma profunda crítica às estruturas sociais do Brasil oitocentista, especialmente no que diz respeito às relações raciais e às formas de silenciamento impostas à população negra. Tal crítica não se apresenta de maneira explícita ou panfletária, se assim fosse não seria a escrita machadiana, ela se constrói nas frestas do discurso, nos vazios narrativos e naquilo que é propositalmente omitido.

A análise das obras selecionadas nos permitiu observar que os personagens negros, embora frequentemente relegados ao plano de fundo das narrativas, ocupam um lugar central na literatura machadiana. A ausência de voz, biografia e de interioridade desses sujeitos não pode ser compreendida como simples descuido, mas como procedimento literário consciente, que expõe a naturalização da violência e da desumanização no interior da sociedade escravocrata e pós-abolicionista. Nesse sentido, esse silenciamento opera como uma imagem das assimetrias raciais do período.

Os conceitos de Tanatografia e Geopoiesia mostraram-se fundamentais para a compreensão desse processo. A Tanatografia, ao evidenciar a decomposição biográfica e a escrita de morte, permitiu interpretar a condição dos personagens

negros como uma forma de morte simbólica em vida, marcada pela negação de uma narrativa própria. Já a Geopoesia possibilitou compreender o espaço social brasileiro como um território atravessado por disputas, hierarquias e exclusões, no qual determinadas vozes são legitimadas enquanto outras são sistematicamente marginalizadas. A articulação entre os dois conceitos revelou como o apagamento biográfico e o silenciamento racial se imprimem tanto na construção das personagens quanto na organização do espaço narrativo.

Ao relacionar o tratamento dispensado aos personagens negros ao apagamento histórico da própria identidade racial de Machado de Assis, este trabalho evidenciou a existência de um movimento estrutural de silenciamento que atravessa tanto a crítica literária quanto a ficção. Assim como muitos de seus personagens foram privados de voz e historicidade, o próprio Machado, enquanto homem negro, teve sua experiência minimizada, relativizada ou deliberadamente ocultada por parte da tradição crítica. A leitura integrada de vida e obra, portanto, não apenas enriquece a interpretação dos textos machadianos, mas também tensiona os limites de um cânone construído sob pressupostos excludentes.

Por fim, este estudo reafirma a importância de uma leitura racializada da obra de Machado de Assis como um caminho legítimo, necessário e produtivo para a crítica literária contemporânea. Longe de reduzir sua complexidade estética, tal abordagem amplia as possibilidades interpretativas e evidencia a atualidade de sua escrita diante das permanências do racismo estrutural no Brasil. Reconhecer Machado de Assis como o maior escritor brasileiro e, simultaneamente, como um homem negro, não apenas reposiciona sua obra no campo literário, mas também fortalece a dimensão simbólica de sua presença na história cultural do país, reafirmando a literatura como espaço de memória, resistência e crítica social.

## Referências:

AGUIAR, Katrícia Costa Silva Soares de Souza. **Tanatografia e geopoesia e Viva o povo brasileiro: terra, palavra, morte em João Ubaldo Ribeiro**. 2021. 157 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/43264>. Acesso em: 4 nov. 2025.

ASSIS, Machado de. **Bons dias**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/teatro/11-textos-dos-autores/799-machado-de-assis-bons-diasv>. Acesso em: 18 out. 2025.

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó; Memorial de Aires**. São Paulo: Nova Cultura, 2003.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>. Acesso em: 5 set. 2025.

ASSIS, Machado de. **O Primo Bazílio. Crítica por Machado de Assis**. In: Crítica (Machado de Assis, 1910). Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910. p. 58–84. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Critica\\_\(Machado\\_de\\_Assis,\\_1910\)/O\\_Primo\\_Bazilio](https://pt.wikisource.org/wiki/Critica_(Machado_de_Assis,_1910)/O_Primo_Bazilio). Acesso em: 22 de nov de 2025

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção Primeiros Passos). Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GfbxEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=personagem+literatura+BRASILEIRA&ots=jylbhfrxic&sig=RR0yWSN9sDOtdtskYdKwGt6-2oQ&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GfbxEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=personagem+literatura+BRASILEIRA&ots=jylbhfrxic&sig=RR0yWSN9sDOtdtskYdKwGt6-2oQ&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 10 set. 2025.

CAMPOS, Raquel. **Cor e identidade racial nas biografias de Machado de Assis (1917-2006)**. In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA FFLCH-USP, 6., 2020, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: FFLCH-USP, 2020. Disponível em: <https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/sites/literaturabrasileira.fflch.usp.br/files/3350-3757-1-PB.pdf#page=25>. Acesso em: 24 maio 2025.

CAMPOS, Raquel Machado Alves. **Tolo ou todo-poderoso? Leituras em torno de Machado de Assis e a escravidão**. Revista de Letras, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2008. Acesso em: 4 nov. 2025.

DE PAULA NETO, Marcos Eustáquio. **Tanatografia em Memórias Póstumas de Brás Cubas e Eneida: arquitetônica prosaística e delírios catabáticos em Machado de Assis e Virgílio**. 2017. Monografia (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GOES, Weber Lopes; JACINO, Ramatis. **Segregação ou miscigenação: os dilemas da eugenia no Brasil nas primeiras décadas do século XX**. Aurora: revista de arte, mídia e política, Marília, v. 15, n. 1, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/13309/9936>. Acesso em: 22 de nov de 2025

LIMA, Samara. **A representação do negro no conto machadiano**. Mafuá, Florianópolis, n. 34, 2020. ISSN 1806-2555.

MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Global e desglobal na geopoesia quilombola Kalunga: crítica polifônica em diálogo com a geocrítica**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, Salvador, v. 25, n. 49, p. 70–86, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20232549acmmarsj>. Acesso em: 22 de nov de 2025

OLIVEIRA, Paulo Cesar Miorin de. **Esau e Jacó: o retrato da passividade nacional em Machado de Assis**. São José do Rio Preto, 2023. Acesso em: 4 nov. 2025.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

SANTOS, Rafael Lima Lobo dos. **Conselheiro Aires, narrador supraterrâneo: Esaú e Jacó como romance polifônico da literatura negro-brasileira**. 2024. 81 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

SCARPELLI, Marli Fantini. **Machado de Assis: entre o preconceito, a abolição e a canonização**. Matruga, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, p. 309-328, jul./dez. 2008.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Morte e decomposição biográfica em Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/17929>. Acesso em: 4 set. 2025.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas**. ComCiência, n. 163, Campinas, nov. 2014. Disponível em: [https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900012&lng=pt&nrm=iso](https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA JUNIOR, A. R., & LIMA, R. S. (2019). **A CAUSA SECRETA DE MACHADO DE ASSIS: IMAGENS DO CAPITALISMO SÁDICO**. Revista Cerrados, 28(50), 218–237. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25134> Acesso em: 4 nov. 2025

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. **Geopoesia da boa morte pelas ruas coralinas da tanatografia**. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, n. 26, p. 5–42, ago. 2022. DOI: 10.5902/1679849X70528.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; DE PAULA NETO, Marcos Eustáquio. **Catábase e tanatografia em Dostoiévski: o subterrâneo na decomposição biográfica da prosa de deformação**. Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão, v. 7, n. 18, p. 157–172, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revec>.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da; SANTOS, Beatriz de Carvalho. **Corpos de papel, eus encenados: biobibliografia tanatográfica na geopoesia heteronímica de Pessoa e Saramago**. In: ANAIS do I Seminário Internacional de Literatura, Enunciação e Cultura: das inscrições do corpo à experiência das linguagens. São Luís: EDUFMA, 2022. p. 57–68. E-book. Disponível em: <[www.selecult.com.br](http://www.selecult.com.br)>

SILVA, Terezinha V. Zimbrão da. **Machado de Assis e o mulato de “Alma Grega”**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 68, p. 29–49, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-68212014000200015>. Acesso em: 22 de nov de 2025

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A eugenia no Brasil: ciência e pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUH, 30., 2019, Recife. Anais eletrônicos. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: [https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206568\\_5007b3865aaa899efe1665fe1f1f1ce9.pdf](https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206568_5007b3865aaa899efe1665fe1f1f1ce9.pdf). Acesso em: 22 de nov de 2025